



Evento	Salão UFRGS 2015: XI SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2015
Local	Porto Alegre - RS
Título	Docência compartilhada no PIBID/Química da UFRGS sob o olhar de bolsistas novatos e experientes.
Autores	RENI CAMPOS FARIAS TANIA DENISE MISKINIS SALGADO CAMILA GREFF PASSOS SANDRO ROBERTO DOS SANTOS SILVA DE LEON

A educação passa hoje por uma fase de reestruturação em todos os seus níveis de ensino. As demandas de um professor em sala de aula são muitas, além do domínio conceitual de sua área de atuação, o docente deve atuar de forma interdisciplinar, trabalhar com alunos com deficiências físicas e/ou cognitivas, mesmo sem formação apropriada para tal. É nesse contexto que esse trabalho se apresenta, propondo aqui uma discussão sobre as formas de contribuição do contato com o contexto escolar e a vivência da atividade da docência compartilhada para a formação dos futuros professores. Para tanto, são analisadas as impressões de dois bolsistas do Subprojeto Química do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/Química) da UFRGS. As atividades relatadas nesse trabalho aconteceram na Escola Estadual Dom João Becker, localizada na zona norte de Porto Alegre. Um dos bolsistas iniciou sua participação no PIBID no semestre de 2015/01 e o outro já atua no programa desde 2012/02. Entre as ações desenvolvidas nas escolas, como observação da comunidade escolar, análise de documentos oficiais, observação de aulas, elaboração e aplicação de materiais didáticos, destaca-se a docência compartilhada. Na docência compartilhada os bolsistas atuam juntamente com o professor supervisor em sala de aula, ministram algumas explicações, conduzem atividades de ensino e interagem diretamente com os alunos, sempre com a prévia orientação da coordenação do subprojeto e acompanhamento do professor supervisor. Para instrumentalizar a análise crítica sobre a prática docente e as vivências como bolsista PIBID, os licenciandos são orientados a elaborarem um Diário de Campo. No Diário de Campo, eles registram todos os acontecimentos significativos ocorridos durante o período de observação da escola, da comunidade, das salas de aula, assim como de suas atuações, produções, impressões e avaliação dos mesmos. Conforme os relatos do Diário de Campo do bolsista mais experiente verificou-se que a docência compartilhada permite que os alunos de graduação vivenciem o ambiente escolar e se apropriem dele, reforçando a escolha de atuar na área da educação. *“Trabalhar com o professor da rede pública, se mostrou muito mais interessante do que eu imaginava, por que depois de estar atuando há alguns anos como bolsista em outras escolas, entrar em sala de aula para acompanhar a professora dessa escola parecia uma experiência totalmente desnecessária, afinal já atuava com os alunos em atividades experimentais, oficinas temáticas e oficinas de aprendizagem. Logo já tinha experiência na escola, porém, felizmente estava totalmente equivocado. A docência compartilhada se mostrou uma experiência única, na qual a realidade da rede pública de ensino do Rio Grande do Sul, com todas as suas qualidades e dificuldades, me fez crescer como docente. Onde percebi que entrar em sala de aula com um professor, me permitiu ter experiências como a inclusão no ensino de química, a aprendizagem significativa e como construir a minha identidade docente. O meu primeiro grande desafio da docência compartilhada foi como trabalhar no ensino tradicional de química com alunos, que possuem necessidades especiais. O trabalho com uma aluna em especial, que possui deficiência visual, foi um dos trabalhos que mais me fez crescer como bolsista. Foi um trabalho que me obrigou a repensar o modo que se ensina química, uma matéria que tradicionalmente é ensinada através do quadro e giz, tendo como pré-requisito básico o sentido da visão para seu acompanhamento. Como estávamos compartilhando a aula, professora e bolsista, decidimos fazer aulas que realmente fosse inclusivas para a aluna com a deficiência visual. Assim, optamos por produzir e trabalhar com uma tabela periódica em braille, com os materiais disponibilizados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) como o “Grafia Química Braille”, além de usar estruturas físicas para representar os modelos atômicos e moleculares. Com a mesma aluna começamos a repensar questões como a aprendizagem significativa para os alunos da turma. Então passamos a explicar os assuntos abordando temas do cotidiano dos discentes, como sabão, ácido cítrico, fogos de artifício entre outros. Todos esses desafios colocaram tudo o que nós (bolsista e professora) conhecíamos como identidade docente em “choque”, pois percebemos que ser professor, é estar sempre em mudança, em constante evolução, do modo de como ser um bom professor de química. Para mim, a docência compartilhada se apresentou como um ótimo modo de aprendizagem para alunos, professores supervisores e bolsistas PIBID. O professor se sente na presença do bolsista como se estivesse aprendendo, e tem suas forças e expectativas na docência renovadas. Os alunos se sentem confortados por ter dois professores com eles em sala que estão preocupados com sua aprendizagem, o que os motiva a participar e realizar suas atividades nas aulas. O bolsista ganha a experiência de sala de aula, sem passar pelo choque de acabar a faculdade e ter que entrar em uma sala de aula para gerir uma turma sem ter a experiência real de sala de aula, além dos estágios obrigatórios do seu curso.”* Já as impressões do bolsista que iniciou recentemente no PIBID, também registradas no seu Diário de Campo, apontam para contribuições como a aprendizagem do gerenciamento do tempo e atividades, aproximação com diferentes recursos didáticos, aprendizagem conceitual dos conhecimentos que são trabalhados em sala de aula, como trabalhar com alunos com necessidades cognitivas tão diferentes. O PIBID/Química da UFRGS permite que seus bolsistas vivenciem essa experiência na escola desde o início do primeiro semestre de 2014. Os resultados são preliminares, entretanto com os relatos dos bolsistas, verifica-se que a docência compartilhada é uma experiência muito significativa na formação de um licenciando, por esse motivo pode ser pensada como uma possível ação de formação para os demais graduandos das licenciaturas. Entrar em sala de aula e se reconhecer como futuro professor, de forma gradativa, pode contribuir para uma melhor adaptação dos profissionais do ensino no meio escolar, favorecendo que estes estejam melhor preparados para atender as demandas da carreira profissional.